



ESSÊNCIA E APARÊNCIA: ENSAIO SOBRE A INVISIBILIDADE PALPÁVEL DO ESPAÇO E DO COTIDIANO

**ESSENCE AND APPEARANCE: ASSAY ON PALAVABLE INVISIBILITY OF SPACE AND
EVERYDAY**

Amanda Scofano de Andrade Silva
Mestranda em Geografia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
Endereço eletrônico: scofano.amanda@gmail.com

Resumo:

A categoria de espaço geográfico pode ser explorada em suas mais variadas dimensões. A partir de ações e intenções que muitas vezes não são explícitas, o espaço é produzido e, por sua vez, produz novas territorialidades e especificidades locais que influenciam no cotidiano e na vivência das pessoas. O presente trabalho pretende realizar uma abordagem a respeito da implicação das intencionalidades do espaço na construção de suas formas e na reprodução da vida cotidiana.

Palavras-chave: Espaço Geográfico; Cotidiano; Representações; Simbólico.

Abstract:

The category of the geographical space can be explored in its most varied dimensions. From actions and intentions that are often not explicit, space is produced, in turn, produces new territorialities and local specifications that influence without everyday life and people's experience. The present work intends to make an approach regarding the implication of the intentionalities of the space in the construction of its forms and in the reproduction of daily life.

Key-words: Geographical space; Daily; Representations; Symbolic.

I. Introdução

O espaço geográfico é um dos conceitos mais ricos da geografia. Partindo de um olhar mais profundo designado não só pelo saber científico, mas

também, pela sensibilidade pessoal do observador (que pode ser ou não um pesquisador), pode-ser abordar os mais diversos temas cotidianos do passado ou presente que se espacializam de diferentes formas.

A partir de vários atores, agentes e intencionalidades, o espaço é continuamente produzido e modificado. A ação está contida nas suas formas e funções, no visível e também no que é ocultado. Uma vez que a ação produz o espaço, esse mesmo espaço que não é estático, acaba agindo como um organismo vivo, respondendo a essa ação, tornando-se assim reprodutor dessas ações.

Desse modo, o espaço não se configuraria apenas como o cenário onde as ações acontecem. Ele é simultaneamente o protagonista, o coadjuvante, o autor e o bastidor da peça. Todo esse conjunto de ações cria, molda e transforma o espaço geográfico.

As ações no espaço podem se dar tanto no âmbito do visível, a partir de suas formas e construções, como no que diz respeito ao aspecto invisível do espaço: os sentimentos que ele evoca, as relações que desenvolve e o cotidiano que compõe.

O presente artigo buscará investigar de que maneira as ações e intencionalidades produzem o espaço geográfico, bem como permeiam a vida cotidiana.

II. É possível o espaço somente como forma?

Num primeiro momento as formas contidas no espaço geográfico, suas construções e estruturas, apresentam-se como condição indispensável para a própria existência do espaço, bem como a sua investigação por parte não só da Geografia, mas de outras ciências que pretendam se aventurar a estudar essa categoria tão rica.

O enfoque moldural do espaço já nos foi apresentado pela divisão tripartite de David Harvey (2015), na qual o espaço concreto, fixo, das formas, padrões e medições é denominado de espaço absoluto.

A Geografia atual é considerada de modo geral a ciência da espacialização dos fenômenos, o que numa análise superficial de definição a transformaria numa ciência do visível. Se a Geografia se ativesse apenas às formas visíveis, talvez o estudo do espaço absoluto nos bastasse, mas aí recairíamos no fantasma da descrição de áreas que assombra a ciência geográfica até hoje.

Ao mundo contemporâneo não bastam descrições, levantamento de dados, medições, etc.. Torna-se necessário explicá-lo, compreendê-lo, desmascará-lo. Para obter essas respostas, é preciso ir além do que o espaço nos mostra ou nos deixa ver. Ou, como coloca Lefebvre (2004), a materialidade em si mesma não possui existência, ela precisa do sentido dado pela experiência.

Essa experiência se conecta ao espaço relacional proposto por Harvey (2015), que implica na ideia das relações internas desenvolvidas no espaço absoluto, mas não só. É também o espaço das sensações, que cada indivíduo, a partir do seu lugar social, de sua percepção e experiências anteriores, sentirá a seu próprio modo. Por isso a realidade material dada é passível de diferentes sentidos e interpretações. Por exemplo, quando um arquiteto observa uma determinada construção ele verá a escola arquitetônica à qual pertence e seus padrões característicos; um historiador poderá aferir o significado daquela construção no contexto histórico e social da época; um geógrafo poderá falar sobre a verticalização do espaço, sobre as intencionalidades do contexto político e econômico que moldaram aquela forma, etc.

Devemos ressaltar também que, segundo Harvey (1973; 2006, apud JUNIOR, 2015), o espaço geográfico, dependendo das circunstâncias pode transformar-se em absoluto, relativo ou relacional. Ou seja, para conceituá-lo corretamente é indispensável observar a prática humana que constrói e dá sentido a esse espaço.

Por esse motivo a contribuição de Lefebvre (2004) não deve ser deixada de lado. A tríade fenomenológica do espaço percebido, concebido e vivido é de imensa importância para a compreensão do espaço geográfico, bem como

para a abordagem do cotidiano como fator inexorável da produção do espaço. A percepção do espaço é dada pelos sentidos humanos, porta de entrada das sensações, primeiras impressões e que se conecta com a materialidade do espaço em primeira instância. Entretanto, mesmo com base nas formas e na materialidade que os sentidos nos apresentam, essa percepção pode ser diferente. Uma criança que ainda engatinha percebe o espaço de maneira diferente de um adulto, já que sua visão está conectada à horizontalidade, à proximidade do chão. O espaço percebido é a dimensão da prática espacial, ou seja, a interação humana com a materialidade.

O espaço concebido já configura uma espécie de dimensão acima do percebido, pois para concebermos o espaço é preciso conectar a esfera do pensamento consciente e racional à realidade espacial. Se a concepção de algo remete à inteligência ou à teoria, conceber o espaço é assimilá-lo racionalmente. As representações do espaço são exemplos de como o espaço concebido pode se apresentar: a partir da linguagem, teorias, mapas, símbolos, etc..

O último elemento da tríade é o espaço vivido, dimensão mais complexa da experiência humana, onde a prática espacial é abordada de modo mais amplo, acoplada à vida cotidiana. É onde Lefebvre articula os espaços de representação, que seriam os simbolismos contidos na produção desse espaço. Os símbolos atribuem significado imaterial à materialidade, tornando-se assim elementos indispensáveis à manutenção da vida cotidiana, bem como ao estabelecimento do *status quo*. Essa terceira dimensão apresenta-se como exemplo proeminente das intencionalidades contidas no espaço. Ao aprofundarmos o olhar sobre os espaços de representação e seus simbolismos, seja de uma ordem estatal vigente, seja de um modelo econômico, ou ainda da própria população e seus mais variados setores de classe, entendemos que não existe neutralidade na produção do espaço.

Por esse motivo, diferentes espaços supõem diferentes sensações de uma pessoa, um grupo ou uma população inteira. Aplica-se aqui, novamente, o

espaço relacional, essa dimensão mais subjetiva, mas nem por isso menos potente na vida cotidiana e nas transformações sociais.

III. O papel dos símbolos e das representações na formação do espaço e do imaginário

As representações permeiam a vida em seus mais distintos âmbitos e sentidos, servindo como mediações entre a realidade prática e a forma inteligível como a apreendemos. As representações podem comunicar, conceber, mascarar ou explicitar uma relação ou uma determinada realidade. A vida sem elas é inconcebível, de modo que também são indispensáveis para o saber geográfico e para a compreensão da produção do espaço. (LEFEBVRE, 2006)

Interessante ressaltar como as representações do espaço estão incutidas no imaginário popular através das mais diversas formas culturais. A religião é bom exemplo de como as representações exercem força na vida cotidiana. A ideia de céu e inferno é comum em diversas religiões (católica, islâmica, espírita, etc.) e parece haver semelhanças nas formas como são representados esses espaços imaginários.

Para os islâmicos o paraíso seria “*o jardim eterno de prazeres físicos e deleites espirituais [...] palácios, servos, fortunas, rios de vinho, leite e mel, fragrâncias agradáveis, vozes suaves, parceiros puros [...]*”¹. Já o inferno é descrito como um lugar com “*queimaduras por fogo, água fervente para beber, comida escaldante para comer, correntes e colunas de fogo sufocante*”. Há também a siraat, uma ponte posicionada sobre o inferno, se estendendo até o paraíso. Os crentes e perseverantes conseguiriam atravessá-la e chegariam ao céu, enquanto os infiéis e impuros cairiam no inferno.

Para os espíritas Kardecistas, e de acordo com os escritos de Xavier (2014), a representação do que seria o inferno dá-se através do umbral, descrita como uma zona sombria, de vegetação com troncos retorcidos, as mais variadas feições geomorfológicas que também se encontram na Terra

¹ Retirado do site: <https://www.islamreligion.com/pt/articles/38/crenc-na-vida-apos-morte/>

(montanhas, vales, planícies, rios, etc.). As cidades do umbral seriam cobertas de névoa densa que dificulta a entrada da luz solar, e à noite não é possível ver as estrelas. É possível ver essa representação na imagem a seguir, retirada do filme *Nosso Lar* (2010):



Figura 1: Representação da zona do umbral para o espiritismo
Fonte: Filme *Nosso Lar* (GLOBO FILMES, 2010)

Outros exemplos de grande relevância a respeito das representações do espaço estão contidos na obra *A Divina Comédia*² e sua composição a respeito dos Nove Círculos do Inferno, dos Sete Círculos do Purgatório e das Nove Esferas do Paraíso. É possível ver a retratação dos nove círculos do Inferno na obra a seguir, de Botticelli:

² Poema escrito por Dante Alighieri, entre os anos de 1304 e 1321, que narra a odisséia de Dante, ajudado pelo poeta Virgílio, pelos círculos do Inferno, Purgatório e Paraíso. A influência dessa obra perdura até os dias de hoje, influenciando poetas, artistas, cineastas, etc.

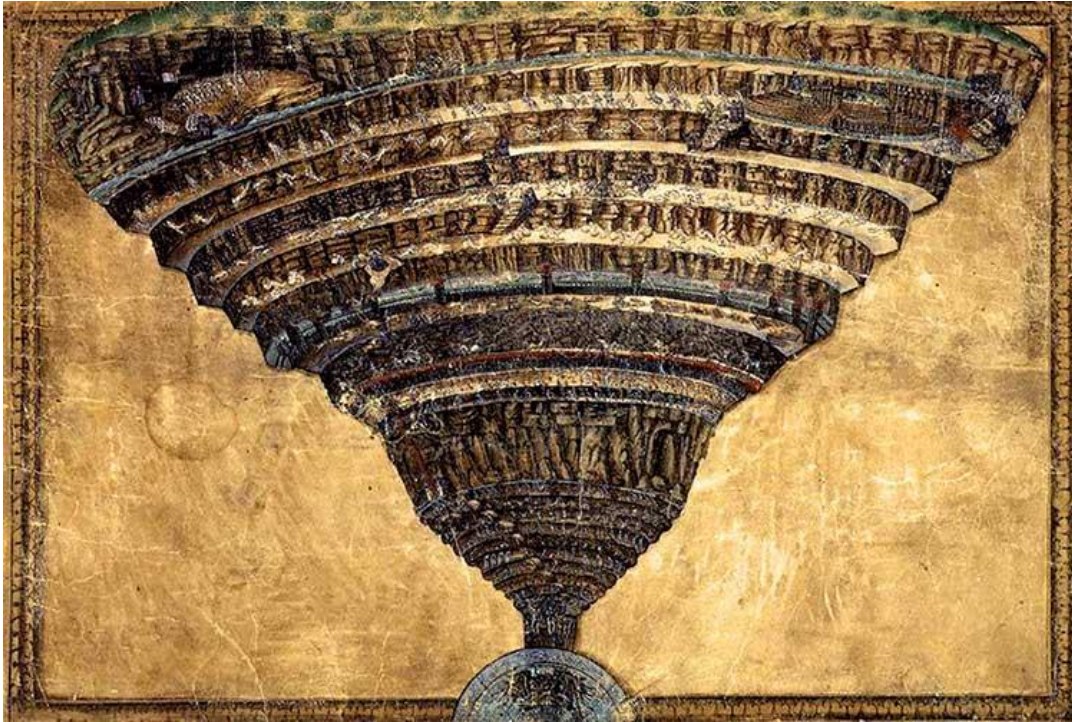


Figura 2: La Mappa dell' Inferno, Sandro Botticelli (1480 e 1490)³

Ainda a respeito da obra de Dante Alighieri, podemos ver algumas descrições contidas, que mesmo com seus detalhes alegóricos, aproximam-se das descrições paisagísticas características do surgimento da Geografia, como por exemplo, no canto XII e XIV, respectivamente destacados em forma de prosa a seguir:

Descemos por uma rampa formada por um enorme deslizamento de pedras, causado provavelmente por um terremoto ou pela contínua erosão. O barranco derrubado esculpia vários caminhos íngremes e irregulares da beira do precipício até embaixo, permitindo a descida com dificuldade. Alighieri (apud ROCHA, 1999, p. 36)

Continuamos a jornada até chegarmos ao lugar onde se separa o terceiro giro do segundo. O lugar era um estéril deserto de areia grossa e quente, cercado pela selva dos suicidas, assim como o rio de sangue cercava a floresta. Alighieri (apud ROCHA, 1999, p. 42)

Nosso objetivo não é investigar a riqueza de questões teológicas contidas nas mais variadas religiões, nem questionar as doutrinas, mas sim chamar a atenção para o modo com as sensações humanas estão ai representadas de

³ Retirada de: <http://dardinelhes.blogspot.com.br/2016/04/la-mappa-dellinferno-de-botticelli.html>

forma espacializada. É uma espécie de materialização dos sentimentos que acometem a humanidade como um todo: fome, medo, fartura, paz, etc.

Poderíamos tentar conectar essa ideia à tríade de espaços lefebvrianos. As sensações descritas nos contextos religiosos são reais, sentidas pelo corpo físico, ou seja, advém da percepção do espaço. Sabemos como é sentir fome, frio, calor, sede e o sentido negativo que atribuímos a essas sensações. De modo que, o espaço percebido, da materialidade, tem função primordial nessas representações. A partir da percepção sensorial do espaço são concebidas as representações dos espaços espirituais, que descrevem mundos e cidades que são reprodução do espaço vivido.

No jogo das representações o espaço e suas significações são constantemente produzidos e destruídos. Os sistemas econômicos vigentes produzem diversas representações que legitimam seu poder através de simbolismos, e com o sistema capitalista não foi diferente. Através do poder simbólico, ele exerce a dominação e a alienação necessárias à sua própria manutenção. Como irá pontuar muito bem Atílio Boron (2006, p.308) “é o *capitalismo que gera imagens invertidas de si mesmo*”.

A legitimação de qualquer tipo de poder precisa perpassar por alguns âmbitos da vida cotidiana para se estabelecer: social, econômico, político, cultural e representativo. Segundo Bourdieu (1989), o poder simbólico torna os fatos concretos, constrói a realidade e através das representações dá sentido à sua própria forma e sua construção de mundo e do espaço. Para o autor: “é *uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transformada e legitimada de outras formas de poder [...]*” (p. 15). Esse poder simbólico pode ser instrumentalizado através de construções portentosas, tecnologias de ponta, verticalização do espaço, aparato bélico, marketing e propaganda, códigos legislativos, dentre outros. A Guerra Fria (1947-1991) foi um dos períodos mais emblemáticos da importância do poder simbólico: qual nação tinha o maior poder bélico, a tecnologia mais avançada, ou realizava maiores sanções, etc.

Os simbolismos reafirmam a força do sistema vigente (seja ele feudal, absolutista ou capitalista, por exemplo). Importante ressaltar também que todo

símbolo é uma representação, mas nem toda representação é um símbolo. Através da arte, da poesia e das leis o simbolismo cria e perpetua crenças e imaginários populares. O nosso foco aqui, porém, se dá no modo como o simbolismo produz o espaço geográfico e permeia suas formas de intencionalidades e de que maneira esse mesmo simbolismo repercute nas sensações humanas e em suas relações com o espaço. Como coloca Bourdieu (2008), o espaço simbólico não pode separar teoria da prática.

O espaço geográfico aflora diversos sentimentos na vivência do cotidiano, e pode ser interpretado sensivelmente de diferentes maneiras por diferentes grupos sociais. O espaço relacional é, nesse ponto, um conceito chave muito rico para a compreensão da geografia do cotidiano. Quer dizer, num mesmo espaço absoluto podemos encontrar diversas relações, por exemplo: algumas pessoas dirão que se sentem mais acudadas em ruas apertadas ou vielas, enquanto outras poderão dizer que têm sensação de pânico ao se depararem com espaços abertos (agorafobia); um espaço altamente verticalizado, composto de prédios espelhados e com muita gente circulando pode gerar em uns a sensação de pertencimento, a ideia cosmopolita, o sucesso, enquanto em outros pode gerar a sensação de sufocação, de impessoalidade, de correria desmedida. O gênero pode ser um fator determinante na ideia de espaço relacional. A cidade, principalmente, é um espaço muito mais hostil para as mulheres do que para os homens. Se para os homens a insegurança está ligada, na maioria das vezes, à questão de seus bens materiais, para as mulheres a insegurança ultrapassa isso e se direciona ao seu próprio corpo. Outro exemplo ocorre em relação aos deficientes físicos, que encontram diversos obstáculos no seu ir e vir. O espaço torna-se um desafio a ser enfrentado diariamente para que esse determinado grupo consiga vivenciar seu cotidiano.

Os espaços, cada vez menos tornam-se o lugar do encontro e da confraternização, dando lugar aos espaços do medo e da insegurança. O desafio com o qual nos deparamos é: como transformar esse espaço

(principalmente o urbano) de modo a beneficiar a conexão entre as pessoas e tornar o cotidiano mais palatável?

IV. Espaço urbano e ação

Diante desse desafio do espaço é preciso antes de mais nada buscar compreender quais são as conjunturas políticas, econômicas e ideológicas que produzem e destroem esse espaço: a ação por detrás das formas. O contexto atual da chamada pós-modernidade e da era da informação engendraram uma nova lógica do capital, que mercadifica as mais variadas dimensões da vida, incluindo os espaços.

O Estado se articulou ao capitalismo globalizado de tal modo que é impossível, hoje, saber quando começa um e termina outro. Os interesses convergem e as chamadas “políticas públicas” se esfacelam de tal modo que corroem direitos sociais, abrindo espaço para a contestação da própria cidadania. A política entra em conformidade com a racionalidade liberal, e, como uma empresa, o único critério que importa passa a ser o desempenho. Entra em cena a “governamentalidade empresarial” que constrói o Estado conforme a lógica do mercado, bem como promove a ideia do cidadão consumidor, que decide entre “ofertas políticas” concorrentes. Com base nisso, entende-se melhor a origem da popularidade da ideia de gestor no lugar do político. (DARDOT, LAVAL, 2016).

O político como gestor, o Estado como empresa, o cidadão como consumidor e o espaço como mercadoria. Desenha-se assim a estrutura que proporciona a reprodução do capitalismo neoliberal. A seletividade espacial pelas empresas, pelo Estado e pelo capital geram competições espaciais, às quais Milton Santos (1996; 1999) vai dividir em territórios luminosos e opacos. Os primeiros são áreas aptas a atrair atividades econômicas, tecnologia, infraestrutura e capitais; enquanto os territórios afastados dessa possibilidade e que ficam à margem desse “desenvolvimento” neoliberal, são chamados de opacos. Os habitantes das zonas opacas também participam da lógica das

zonas luminosas, mas à luz de sua própria realidade. O habitante das zonas opacas vive o tempo dos homens lentos, o espaço banal. O homem lento enxergaria aquilo que os homens das zonas luminosas não conseguiriam ver, enganados pelas miragens produzidas por seus prédios espelhados e luzes de neon. A verdadeira revolução viria da organização desses homens lentos.

Essa definição dos espaços luminosos e opacos pode ser relacionada com alguns exemplos da ficção. Na trilogia distópica *Jogos Vorazes* (COLLINS, 2008), que foi transformada em longa metragem no ano de 2012, o território de Panem é dividido numa capital e doze distritos. A capital concentra os serviços, a infraestrutura, o poder político e econômico, enquanto os outros distritos convivem com a miséria, a fome e o trabalho incessante. Tem-se aqui o exemplo do espaço luminoso com a capital e dos opacos com os demais distritos. Inconformados com a disparidade de ofertas e qualidade de vida, os distritos entram num levante contra a capital, mas são massacrados. Após isso, a capital passa a exigir que todos os anos seja selecionado um casal de cada distrito para participar do *reality show* “*Jogos Vorazes*”, onde serão submetidos a várias provas e apenas uma pessoa sobrevive. A criação dos jogos como forma de controle do Estado sobre a população após o motim que arrefeceu, exemplifica muito bem a ideia de Hakim Bey (1991) a respeito do ciclo da revolução:

O slogan "Revolução!" transformou-se de sinal de alerta em toxina, uma maligna e pseudo-gnóstica armadilha-do-destino, um pesadelo no qual, não importa o quanto lutamos, nunca nos livramos do maligno ciclo infinito que incuba o Estado, um Estado após o outro, cada "paraíso" governado por um anjo ainda mais cruel. (p.5)

Desse modo, como promover a utopia revolucionária sem cair na distopia autoritária? A nossa contribuição como geógrafos pode se dar colocando o espaço como mediador desse processo. Sabe-se que existe uma diversidade de atores⁴ e que cada um deles tem determinado objetivo a cumprir nesse jogo de intencionalidades. De acordo com Ferreira (2013), o ator e o sistema são interdependentes. Logo, os atores é que dão as cartas e que podem incentivar

⁴ Aqui utilizaremos a definição dada por Ferreira (2013) a qual o ator é a fonte do processo, construindo de maneira autônoma os encadeamentos políticos e sociais.

a criação de determinado espaço ou ameaçar a reprodução/expansão de determinado grupo.

A cidade é o palco das tensões entre os atores (apropriação) e as resistências. A urbanização deve garantir as condições para o capital produzir e se reproduzir. Como coloca Júnior (2015):

A apropriação privada do solo, a subordinação do espaço ao capital e a institucionalidade mediada pelo Estado seriam responsáveis por criar o fetiche do espaço, dissimulando as relações sociais contidas nos espaços comuns. (apud, LEFEBVRE, 2008)

De acordo com o autor supracitado, os conflitos urbanos decorrentes da seletividade do espaço, da segregação sócio-espacial e da dissimulação das verdadeiras intencionalidades, ocorrem em duas dimensões: a material e a simbólica, que muitas vezes se entrelaçam. Por exemplo, as construções abandonadas que são ocupadas por parte da população que não tem acesso à moradia. Essa ocupação ocorre no espaço da materialidade, palpável, absoluto, das medidas e extensões. Mas ao mesmo tempo possui uma forte dimensão simbólica, pois busca através de seu ato desmascarar os processos de segregação e fetichização do espaço e mostrar a busca pelo direito à cidade.

Sobre as experiências urbanas, Mongin (2009) diz que elas articulam o espaço dos lugares em prol dos espaços em fluxo, quer dizer, a lógica da produção do espaço que prevalece é a dos fluxos capitalistas globais, responsáveis por essa fetichização do espaço. Essa sobreposição dos fluxos globais sobre os locais inverte a valorização do público em prol do privado, beneficiando o movimento de privatização dos espaços.

O espaço geográfico contém o movimento, produz e é produzido pelos fluxos de pessoas, mercadorias, capital, etc. Não é uma categoria estática, podendo nos auxiliar a pensar um novo modelo de construção da sociedade: alterando a lógica dos espaços e das moradias seria possível pensar uma nova forma de estruturação social que não se baseie nos antagonismos (centro-periferia, espaços luminosos e opacos, horizontalidade – verticalidade, por exemplo) para fazer a engrenagem do cotidiano andar.

V. Cotidiano, o lugar das possibilidades

O conceito geográfico de lugar nos permite uma boa dose de subjetividade e sensibilidade, numa abordagem que tende a se afastar do discurso científico hermético e partir para uma esfera de certo modo até poética. É o lugar que dá a espacialidade sensível do cotidiano, que dá o sentido de pertencimento, os elementos identitários do homem. E aqui identificamos que esse senso de pertencimento não é o mesmo que designa os âmbitos territoriais, ainda que em algum momento possam confundir-se. O poder reclamado pelo território não casa com a horizontalidade das relações que o lugar permite. Enquanto o território seria o espaço disputado, o lugar seria o espaço compartilhado. Como expõe Santos (1999), o lugar é o nó que integra as ações internas e externas, que permite a coexistência da verticalidade global com a horizontalidade local. Como um prisma óptico que recebe a luz branca e a dispersa em outras sete cores, o lugar age de forma semelhante: recebe os fluxos globais e os apreende à sua própria maneira, produzindo e sendo produto do cotidiano.

O sentido do espaço geográfico é produzido pelo homem no lugar. Talvez por isso esse conceito possua uma forte dimensão interna e própria do indivíduo, o lugar está mais dentro do que fora de nós. Para considerarmos determinado espaço como “nosso lugar”, no sentido de pertencimento supracitado, é preciso que nos identifiquemos com a sua lógica e em como a sua realidade nos é apresentada. O lugar é uma das raras categorias que nos acompanham mesmo que já não estejamos mais fisicamente nele: podemos sair do lugar, mas alguns lugares nunca saem de nós. De acordo com Moreira (2007, p. 61) “*é o lugar que dá o tom da diferenciação do espaço do homem – não do capital – em nosso tempo.*” Para viver e assimilar o lugar faz-se necessário que acessemos a percepção sensível da espacialidade, que nos atentemos para os ruídos, os perfumes, as luzes, as relações interpessoais e suas dinâmicas. É preciso então acessar a dimensão subjetiva do cotidiano. A perspectiva de cada indivíduo dá essa dimensão, transforma a cidade ou o

espaço geográfico em questão, como escreve poeticamente Calvino (2017), no conto “As cidades e os olhos”:

É o humor de quem a olha que dá a forma à cidade de Zembrude. Quem passa assobiando, com o nariz empinando por causa do assobio, conhece-a de baixo para cima: parapeitos, cortinas ao vento, esguichos. Quem caminha com o queixo no peito, com as unhas fincadas nas palmas das mãos, cravará os olhos à altura do chão, dos córregos, das fossas, das redes de pesca, da papelada. (p. 79)

Para abriremos o leque de leitura do cotidiano recorreremos às considerações lefebvrianas, quando dizem que para conceber o cotidiano é necessário primeiro imergir nele, e depois tomar uma distância crítica que permita a sua análise de forma menos voluntariosa. Com Lefebvre (1991), entendemos como partir do cotidiano para compreender outras dimensões da vida (econômica, política, social, ambiental, etc.), pois são elas que produzem o cotidiano, numa relação dialética.

Ao observar o cotidiano é necessário que o pesquisador esteja munido de um olhar aguçado, que desnude as camadas mais superficiais das relações, e enxergue os elos (muitas vezes invisíveis) entre o cotidiano e o indivíduo, mediado pelo lugar. No cotidiano aparecem as contradições, as tensões, o bem e o mal estar, as opressões, os laços de solidariedade, dentre outros. Como coloca Damiani (1994, p.96) “*o cotidiano inclui o homem inteiro em seus diferentes momentos: o da vida privada, o dos lazeres, o do trabalho*”. Com base nisso, constatamos que não existe nada de banal no cotidiano, ele é o momento da realização das demais dimensões da vida.

Se à primeira vista o cotidiano pode ser o espaço da repetição, da acomodação e do tédio, onde o indivíduo é um mero objeto sem vontade própria, é nele também onde podem acontecer os rompantes de criatividade, de transformação, de inquietude. Como diz Demo (1998, p.98), “*para confrontar-se com o cotidiano, é mister saber traí-lo*”. A partir disso, entende-se, que é preciso adotar táticas que contraponham o cotidiano programado, desconstruindo, mesmo que efemeramente, o que se espera desse lugar comum.

Para dar conta da riqueza do cotidiano utilizaremos o termo proposto por Ribeiro (2005), os gestos-fio. Esse conceito contempla muito bem o compartilhamento de valores entre um povo ou um grupo que “*criam lugares onde, antes, só havia espaço e racionalização*” (p. 417). São ações espontâneas que criam vínculos (mesmo que momentâneos), superando a cotidianidade programada imposta pela cultura dominante, e que prima por sua impessoalidade e relações verticalizadas. Esses gestos podem ser considerados uma forma de resistência, pois mesmo que efêmeros, criam ondas que podem vir a se espalhar e contagiar mais pessoas.

Exemplos de gestos-fio acontecem diariamente, e alguns tornam-se notícia, como o caso do chá de fraldas⁵ realizado numa determinada linha de ônibus do Rio de Janeiro para homenagear uma vendedora ambulante que já era conhecida dos passageiros. As relações interpessoais que aconteceram ali, mesmo no fluxo do trânsito, foram suficientemente fortes para que as pessoas se comportassem como velhas conhecidas, mesmo que por um período curto de tempo. É dessa reconstrução dos laços sociais que os gestos-fio falam.

O cotidiano, ao mesmo tempo em que abarca exemplos de laços de compreensão e solidariedade, expõe exemplos de egoísmo e relações de interesse, como casos recorrentes de motoristas de van que aumentam o valor da passagem durante greves do transporte público⁶. Ou seja, as contradições estão presentes no cotidiano, do mesmo modo que existem no espaço geográfico e interferem na reprodução social. Podemos nos apropriar do modo como Certeau (1998) diferencia os praticantes das astúcias (homens comuns) e os analistas, colocando que a ruptura entre esses dois grupos acontece também nas diferenças entre o tempo das solidariedades e dos lucros. Em nosso exemplo há uma assimilação do homem praticante das astúcias à busca pelo lucro que Certeau caracteriza como o objetivo do analista. Desse modo, o

⁵ Reportagem completa disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/passageiros-fazem-cha-de-fraldas-em-onibus-emocionam-ambulante-gravida-21907486>

⁶ <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/02/durante-greve-dos-onibus-usuarios-denunciam-vans-com-tarifa-mais-cara.html>

indivíduo, a partir de táticas para sobreviver, muitas vezes reproduz a lógica do capitalismo em sua busca pelo lucro.

Exemplos de como o espaço e o cotidiano agem de forma dialética um sobre o outro e desenham os contornos da nossa realidade não nos faltam. As táticas que as pessoas comuns articulam no dia a dia, como forma de sobrevivência demonstram como essa ligação entre espaço e cotidiano é intensa e indivisível. É possível perceber como os vendedores informais (ambulantes e camelôs) se dispõem em pontos estratégicos do espaço: próximos às saídas de metrô (que concentram grande fluxo de pessoas) ou ainda preferindo transitar entre linhas de ônibus que percorrem um caminho mais longo e demorado, pois, através de sua vivência cotidiana, eles sabem que venderão mais produtos utilizando-se dessas táticas.

Diferentes espaços engendram diferentes cotidianos. De modo geral, é comum nas periferias, ou zonas opacas, que o espaço comum seja a extensão do espaço privado, de forma quase mimética. Há mais gente nas ruas, a vizinhança é mais próxima e cadeiras dispostas nas calçadas como se aquele espaço fosse um grande quintal, é comum. Já nos centros, ou zonas luminosas, existe maior distanciamento das relações e os espaços comuns são pouco ou quase nada ocupados por esse cotidiano onde a sociabilidade exerce maior potência.

Desse modo, o cotidiano e seus gestos-fio podem ser responsáveis pela produção de resistências em diferentes níveis, mais ou menos eficazes, mas que, ainda assim, reverberem novas sociabilidades que vão de encontro ao *status quo* das relações verticalizadas. Como diz Ribeiro (2005), “*permanece no cotidiano e no lugar, a busca da sociabilidade, mesmo em condições que apontam para os limites do humano*”.

VI. Considerações Finais

O espaço e a sua produção permitem as mais variadas abordagens e os mais amplos entendimentos. É nele que se espraiam as mais distintas dimensões da vida: política, econômica, social, cultural, ambiental, dentre

outras. Nesse choque entre intenções, interesses, atores e agentes, produz-se uma riqueza de formas e funções que estruturam o cotidiano e a forma como o indivíduo se porta e se comporta nele.

Ao geógrafo cabe a árdua tarefa de saber decompor esses elementos e utilizar-se daquele que melhor traduza o seu objetivo de pesquisa e o auxilie a encontrar os resultados pretendidos. Para isso é indispensável treinar o olhar para além do que pode ser visto. Compreender o que está mascarado, como está mascarado e o porquê encontra-se dessa maneira. Talvez todos os geógrafos precisem ter um *quê* de Kublai Khan⁷, que ao contemplar as paisagens “*refletia sobre a ordem invisível que governava a cidade, sobre as regras a que respondiam o seu surgir e formar-se de prosperar e adaptar-se às estações e definhava e cair em decadência*”. (p. 147)

Sabemos que a discussão a respeito do espaço e suas implicações na vida cotidiana não se esgota aqui. Nossa tentativa foi apresentar algumas dessas possibilidades referentes ao papel das representações na vida cotidiana, bem como na formação e legitimação da produção do espaço como conhecemos. Procuramos desvelar também algumas intencionalidades presentes no espaço e que nem sempre se revelam à primeira vista. Além disso, consideramos indispensável ressaltar a importância do cotidiano e do lugar como dimensões onde as resistências e as transformações sociais são possíveis.

Referências Bibliográficas

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Versão em prosa, notas, ilustrações e introdução por Helder L. S. da Rocha. Ilustrações de Gustave Doré, Sandro Botticelli e William Blake. – São Paulo, 1999.

BEY, Hakim. **TAZ – Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Conrad, 2001.

⁷ Personagem da obra de Ítalo Calvino (*As Cidades Invisíveis*), imperador dos tártaros e que ouve as histórias e descrições de Marco Polo a respeito das mais diversas cidades do império mongol.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**, Petrópolis, Vozes, 3ª edição, 1998.

COLLINS, Suzane. **Jogos Vorazes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

DAMIANI, Amélia Luisa. **A Cidade (Des)Ordenada**. Boletim Paulista de Geografia – BPG. nº 72, p. 95 – 110. 1994.

DARDOT, Pierre, LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEMO, Pedro. **Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo**. Revista Latino Americana de Enfermagem – v.6, n.2, p. 89-104, 1998.

FERREIRA, Álvaro. **A imagem virtual transformada em paisagem e o desejo de esconder as tensões do espaço: por que falar em agentes, atores e mobilizações?** In: FERREIRA, Álvaro, RUA, João, MARAFON, Glaucio José, SILVA, Augusto César P. da (Org.). **Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais**. Rio de Janeiro: Consequência, 2013.

JUNIOR, Orlando dos Santos. **Espaços urbanos coletivos, heterotopia e o direito à cidade: reflexões a partir do pensamento de Henri Lefebvre e David Harvey**. In COSTA, Geraldo Magela et all (Org.). **Teorias e práticas urbanas: condições para a sociedade urbana**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006.

_____, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

HARVEY, David. **O espaço como palavra chave**. EM PAUTA, Rio de Janeiro _ 1o Semestre de 2015- n. 35, v. 13, p. 126 – 152

MONGIN, Olivier. **A condição urbana**: a cidade na era da globalização. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MOREIRA, Ruy. **Da região à rede e ao lugar**: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas. etc..., espaço, tempo e crítica. Nº 1(3), VOL. 1, 1º de junho de 2007

PEREIRA, V. **Planejamento urbano e turismo cultural em Belo Horizonte, Brasil**: espetacularização da cultura e a produção social das imagens urbanas. In: CONGRESSO VIRTUAL DE TURISMO, 2., Anais, 2003.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Sociabilidade, hoje**: leitura da experiência urbana. Caderno CRH, Salvador, v. 18, n. 4, p. 411- 422, set-dez. 2005.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço tempo, globalização e meio técnico-científico informacional**. 2ª ed. São Paulo, Hucitec, 1996.

_____, Milton. **A natureza do espaço**: espaço e tempo, razão e emoção. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

XAVIER, Francisco Cândido. **Nosso lar**. Coleção: A vida no mundo espiritual, Brasília: FEB, 2014.